

## SÓCIOPSIKOLOGIA DO CONFLITO

Luiz Felipe Silva Wiedemann \*

Sendo o Mundo atual inteiramente conflitante, pois a humanidade ainda não compreendeu o sentido do verdadeiro amor e como o reflexo social deste condicionamento somente poderá ser prejudicial, supomos que, dentro de uma sociopsicologia, poderemos, em muito, atenuar a problemática atuante e assim colaborarmos para uma melhor compreensão humana.

Basearemos nossa apresentação apoiados em que julgamos ser o conflito individual uma resultante do conflito social e assim, poderá a sociologia, uma vez terminado o conflito individual, eliminá-lo socialmente, estabelecendo uma plena cooperação social.

### GENERALIDADES

Pensamos que, para situarmos bem o problema, teremos de partir do centro para a periferia, isto é, do homem para a sociedade e, após, passarmos da solução da periferia para o centro, ou melhor, da sociedade para o homem.

O homem é uma entidade social, na sua constituição de: Id ( o inconsciente ), Ego ( o consciente ) e Super-ego ( a consciência ) e, por razões diversas existem, atualmente, conflitos entre os diferentes setores, se assim os chamarmos; em consequência surgiram os conflitos familiares, os de grupos, os de classes, os de sociedade, os de nações e os de ideologias.

Ser-nos-á lícito também, considerar a ação reversa, que parece ser de fato, a que motivou o conflito individual, a ação do social sobre o homem. O meio ambiente foi que influiu nas frustrações e recalques que redundaram nos conflitos psíquicos do elemento humano.

Cabe-nos, pois, agora, reajustar as componentes do indivíduo para, após realizar o trabalho de equacionar o conflito social e, depois, influir sobre o conjunto total social, para terminar com os conflitos existentes o que já será cooperação.

Não resta a menor dúvida de que, para vivermos em paz com o mundo ( ou para estabelecermos a paz no mundo ), precisamos, primeiramente, viver em paz conosco.

Julgamos, ainda, que poderemos enquadrar a nossa apreciação perfeitamente dentro da Psicologia Genética Social, isto é, o ramo da psicologia social que estuda o desenvolvimento da vida psíquica quando é influenciada pela sociedade. Seu principal objetivo de estudo é o espírito objetivo.

Para apoiarmos o nosso raciocínio, poderemos recorrer à História, como grande mestra da vida.

Assim, a história humana é a história de um ensino, de uma guerra, entre uma parte ( um grupo ), forte de espírito e a multidão, soberba pela massa.

É um conflito que parece interminável, de uma educação sempre recomeçada, de uma educação ingrata, difícil, imposta e muitas vezes recusada; a cada instante esquecida e reiniciada.

Os primeiros profetas, os mais antigos legisladores, os pastores das nações jovens, os reis fundadores de cidades e instituidores de justiça, os senhores sábios e santos, há muito tempo começaram a dominar o **animal**. Suas palavras, faladas ou escritas, domesticaram os homens-lobos, contiveram os bárbaros, instruíram as crianças envelhecidas, amansaram os ferozes, dominaram os violentos e desumanos, pela doçura da palavra ou pelo temor dos castigos. Os Orfeus e os Dracons, com promessas celestes ou ameaças infernais, arrancaram garras, impuseram a duros maxilares, freios e mordanças, protegeram os fracos, as vítimas, os peregrinos e as mulheres.

A antiga Lei, que está mais ou menos no Manava Dharmasastra, no Pentateuco, no Ta-Hio, no Avesta, nas tradições de Sólon e de Numa, de Hesíodo e dos Sete Sábios, foi o primeiro esforço imperfeito, pouco aprimorado, insuficiente para extrair da mais baixa animalidade, uma tentativa, um princípio, um simulacro de humanidade.

A lei resumia-se a algumas proibições elementares, **regras estritamente necessárias para tornar possível a vida social**. O legislador contentou-se em diminuir o número de crimes mais comuns; satisfazia-se com um

mínimo de proibições, ideal que raras vezes atingia a justiça. Mas, a lei presumia, seja anteriormente a ser feita, seja ainda a seu lado, o predomínio do mal e a soberania do instinto. Todo preceito supõe a infração; toda norma, a prática contrária. A lei antiga, a lei primitiva, não passava de um dique insuficiente contra o bestial eterno e triunfante; conjunto de compromissos e meias medidas, entre os costumes e a justiça, entre a natureza e a razão, entre o animal rebelde e o modelo divino.

Como sempre o conflito.

Nos tempos em que por um olho se exigia a cabeça, por um dedo o braço, por uma vida cem vidas, a Lei de Talião exigindo somente olho por olho e vida por vida assinalou-se como uma vitória da generosidade e da justiça, conquanto hoje nos pareça horrorosa. Mas, a lei era mais vezes infringida que observada; os fortes tomavam-na de má-vontade; os poderosos que deveriam prestigiá-la, fugiam dela; os maus violavam-na abertamente; os fracos fraudavam-na.

Assim viviam os homens no tempo do Sermão da Montanha. Jesus, com seu espírito clarividente e evolucionista, percebeu que a antiga lei, sem nervos e sem força, mergulhava na água dormente do formalismo.

A obra milenária da educação humana deveria ser começada de novo. Era necessário afastar e remover as cinzas para reacender o fogo do entusiasmo originário; reconduzir o homem a seu destino inicial, a Metanóia, a transformação dos espíritos. Completar pois, a Lei antiga, que era lei ressequida e morta. Mas, para melhor completá-la, era necessário levá-la ao extremo, exasperá-la até o paradoxo, criar, enfim, uma Lei nova que substituísse a antiga , **operando uma verdadeira revolução na natureza humana.**

Não nos cabe aqui apresentar todo o desenvolvimento histórico depois do surgimento da era cristã, no entanto, somos testemunhas, através de uma grande documentação e experiências, que o conflito humano e social continuou e, mais ainda, se engrandeceu com o impacto da técnica e das ideologias.

Se considerarmos o mundo externo ainda como em desordem, isto é, como uma resultante do conflito que ora existe, chegaremos à conclusão de que o homem atual sente a tormentosa impressão de ser esmagado pela imensidade do Cosmo. Como poderia ser de outro modo, uma vez que a nossa ciência materialista destruiu quase completamente o sentido da grandeza humana ? Esta grandeza, com efeito, não poderia residir no corpo. Se ele existe,

sua fonte só pode ser a alma que tão mal se conhece, enquanto as ciências do universo exterior realizaram progressos gigantescos. Além disso, um melhor conhecimento da alma é a condição indispensável para a necessária promoção do homem.

“Os desajustes individuais e coletivos de que sofrem os homens poderiam ser, em grande parte, evitados por um melhor conhecimento da alma e pelas técnicas aperfeiçoadas que permitem agir sobre ela.”

Segundo Karen Horney — **o condicionamento social da alma** — “o homem não é o indivíduo apenas, que os dramas e **conflitos** de que sua alma é palco não têm como causa única uma neurose solitária; há uma íntima interação entre o individual e o coletivo”.

A observação psicológica e a reflexão filosófica nos fazem considerar a alma como sendo a totalidade psíquica. **Ela compreende tanto a consciência como o inconsciente.** Onde encontramos a perfeita ligação para com a cultura sociológica.

Como já vimos, anteriormente, a parte consciente da psique é o **ego**, e o inconsciente primitivo é o “**id**” dos freudianos.

A carência do pleno entrosamento, ou também como chamam alguns, do “**si-mesmo**” ( idade adulta da psique ), ou melhor, a cisão por demais radical entre o ego e os tesouros acumulados no inconsciente, se manifesta ao psicólogo social, **como a causa principal** da confusão e desequilíbrio, individual e coletivo, que se generalizam cada vez mais.

O parentesco de todas as almas, seja qual for a sua raça ou grau de evolução é tão incontestável como sua individualidade. **A fonte desta profunda semelhança se encontra no inconsciente.** Nele se acumulam os frutos das experiências realizadas pelos homens no decurso de sua história não raro milenar. É sem dúvida que, também aí, é preciso procurar a razão pela qual o Criador quis fazer com que se assemelhassem todos os homens a certa Imagem. Mais do que por intermédio da comunidade de cultura ou de educação é **graças a este fundo comum** ( que Jung denominou de **inconsciente coletivo** ) que os homens de todos os lugares e de todos os tempos são, apesar de tudo, **capazes de se compreender e comunicar existencialmente.**

Quanto ao inconsciente coletivo, teremos de nos apoiar nos “**arquétipos**” que, segundo Jung, são as figuras e símbolos comuns a todas as almas. Pode-se dizer, com isso, que eles não nascem de experiências pessoais recalçadas, mas que fazem parte de uma herança, da qual participam todos os

membros do gênero humano. O “arquétipo” é uma forma simbólica que entra em função em todo lugar onde não existe ainda nenhum conceito consciente, ou então, quando razões externas ou internas o tornam impossível. Os conteúdos do inconsciente coletivo são representados na consciência sob a forma de inclinação ou concepções caracterizadas.

Só o uso inteligente da energia psíquica é capaz de permitir aos homens levarem uma vida agradável e socialmente útil. Ora, por causa de obstáculos exteriores ou interiores, a experiência prova que, em numerosos casos, a energia psíquica não se desenvolve normalmente. Parece, mesmo, que os seus erros e enganos se tornaram, em nossa civilização, mais freqüentes que nunca. **Ao psicólogo incumbe lutar contra estes obstáculos, ajudar os homens a dominar e dirigir sua energia afetiva.**

Se voltarmos, ainda, ao “super-ego” ou, como parece mais bem indicado por Ignace Lepp, o “ego-ideal”, que exprime esta espécie de apelo íntimo que a alma sente, no mais profundo de si mesma, e que sobre ela age como força de atração, chegaremos ao **super-ego-coletivo**, no qual o indivíduo tem sua estrela ( ideal do ego, super-ego ou imagem idealizada ), assim também o é com relação às coletividades humanas.

Encontramos, pois, psicologicamente, coeficientes comuns que podem unir a coletividade.

## CONFLITOS PSÍQUICOS

O que é deveras interessante, apesar de nos surpreender, à primeira vista, é que as divergências entre os diversos componentes da psique não são somente inevitáveis, mas até necessárias. Como declara Jung, não é senão quando um ser “entra em colisão consigo mesmo” que experimenta a impressão benfazeja de ser ele mesmo.

Os conflitos podem tornar-se um grande bem para a alma, **mas com a condição de que tudo se faça para ultrapassá-los.** Para que se tornem um estímulo eficaz na realização de si mesmo, importa que o ego seja suficientemente forte para os dominar e dirigir, para sanar a angústia que engendram. É preciso que haja o conflito, mas tudo se deverá fazer para lhes dar um fim, sabendo-se, de antemão, que não seria possível, na presente condição de humanidade, uma existência autêntica sem que novos conflitos venham

imediatamente substituir àqueles que teríamos conseguido não suprimir, mas transcender.

Se a psique estivesse isenta de conflito, jamais o homem ter-se-ia elevado acima da animalidade.

Fruto do conflito, a civilização é também sua conseqüência. Com efeito, quanto mais se civiliza o homem, mais sensível se torna a desunião no mais profundo de si mesmo. A civilização comporta, efetivamente, um domínio cada vez maior sobre o que há de primitivo na alma; ora, não é sem resistência que este se deixa dominar. **É sobretudo no hipercivilizado que o conflito pode tornar-se perigoso.** Com efeito, aquele que pretende subjugar completa e definitivamente o primitivo, não poderá escapar aos sobressaltos de revolta deste.

Em épocas de uma estabilidade maior ou menor, os conflitos são geralmente menos numerosos e, sobretudo, menos agudos do que em nosso tempo atormentado e desvairado, onde todos os valores se vêem discutidos, onde os homens se encontram, sem cessar, diante de novos imperativos de optar e de se exceder. **Os valores da civilização de amanhã nos solicitam e quase nos fascinam, sem que para tanto os seus contornos sejam bem definidos.** Sentimos que muitos valores tradicionais gozam apenas de uma breve duração, antes de serem relegados para os celeiros da História. Ignoramos, no entanto, o que será respeitado e o que sobreviverá na civilização nova. Mas, sobretudo, muitos destes valores que acreditamos ou sabemos que estão destinados ao desaparecimento, ainda nos são indispensáveis. Queiramos ou não, estamos arraigados nesta civilização agonizante. Ao querer emancipar-nos deles, prematuramente, corremos o risco de nos tornarmos uns pobres restos mortais: "Ser apátrida no tempo é infinitamente mais doloroso que ser apátrida no espaço. Aqueles que, ao contrário, se fecham ao sopro do mundo novo, para se abrir a tradições em via de parecer, se expõem ao perigo da esclerose".

Sabemos, também, que a ruptura entre a fé e o saber é um sintoma da **consciência cindida**, tão característica das doenças mentais dos nossos dias.

O embate entre os dois instintos fundamentais, a preservação da espécie e a autoconservação, é a origem de numerosos conflitos. São, por conseguinte, o objeto por excelência do juízo moral, cujo propósito é evitar, tanto quanto possível, essas colisões dos instintos.

A separação de sua natureza instintiva inevitavelmente mergulha o homem civilizado **no conflito** entre consciente e inconsciente, espírito e

natureza, saber e fé, numa cisão que se torna patológica no instante em que sua consciência não é mais capaz de omitir ou suprimir seu lado instintivo. **A multiplicação das pessoas que chegaram a esse estado crítico dá início a um movimento coletivo que passa por ser o defensor do suprimido.**

“Continuamos a agir e a pensar como antes, como se fôssemos **símplex e não dúplex**”.

**Se pudéssemos implantar à consciência universal de que todas as cisões e todos os antagonismos se devem à separação dos opostos na psique, então saberíamos realmente onde atacar.**

O fator decisivo encontra-se no homem particular que não conhece resposta para o seu dualismo. Este abismo abriu-se subitamente diante dele com os últimos acontecimentos da história do mundo, como já chamamos atenção uma vez. Mesmo hoje em dia, as pessoas estão em grande parte inconscientes do fato de que cada indivíduo é uma célula na estrutura de vários organismos internacionais, **achando-se, portanto, causalmente implicado em seus conflitos.**

Apenas como esclarecimento, pois não nos cabe aqui descer a detalhes que seriam mais da medicina, ou melhor, de psiquiatras, poderemos dizer que a diferença entre conflitos normais e neuróticos reside, essencialmente, no fato de que a disparidade entre as soluções contraditórias é muito menor para a pessoa normal do que para a neurótica. As escolhas que a primeira tem de fazer entre dois modos de ação, cada um dos quais é perfeitamente exequível para uma personalidade razoavelmente ajustada. Falando-se em linguagem gráfica, as direções contraditórias divergem só de 90 graus ou menos, em contraste com os possíveis 180 graus com que se defronta o neurótico.

**Existe, de fato, a alegação de que o antagonismo entre os impulsos egocêntricos primitivos e a nossa consciência impeditiva é a fonte básica de nossos múltiplos conflitos.**

O homem tornou-se, de tal modo, reduzido a um simples dente de engrenagem em um intrincado sistema social, que o alheamento do **eu** é quase universal e houve um declínio dos próprios valores humanos. Como consequência de inúmeras contradições visíveis de nossa civilização, desenvolveu-se um entorpecimento generalizado da percepção moral.

Assim, a racionalização, tão em voga atualmente, pode ser definida como auto-sugestão pelo raciocínio.

A idéia corrente de que ela é usada essencialmente para a pessoa justificar-se ou para os seus motivos e ações às ideologias aceitas, só é válida até certo ponto; **disso se concluiria que as pessoas que vivem em uma**

mesma civilização racionalizariam dentro das normas, quando, deveras, são vastas as diferenças individuais no que toca ao que é racionalizado, assim como os processos para tanto empregados.

Pensamos, ter trazido até agora, como verdadeiros, a existência de conflitos individuais como reflexos do social, e pontos de apoio, fatores comuns, que aparecem em toda coletividade, que poderão ser explorados como futuras fontes de interligação para poderem ser atacados.

## SUGESTÕES

O de que os homens precisam, e o que sentem necessitar, é uma qualidade de espírito que lhes ajude a usar a informação e a desenvolver a razão, a fim de perceber, com lucidez, **o que está ocorrendo no mundo e o que pode estar acontecendo dentro deles mesmos**. É essa qualidade, afirmamos, que jornalistas e professores, sociólogos e educadores, artistas e público, cientistas e editores estão começando a esperar daquilo que C. Wright Mills chamou de imaginação sociológica: “A imaginação sociológica capacita seu possuidor a compreender o cenário histórico mais amplo, em termos de seu significado, para a vida íntima e para a carreira exterior de numerosos indivíduos. Sua utilização se fundamenta sempre na necessidade de conhecer o sentido social e histórico do indivíduo na sociedade e no período no qual sua qualidade e seu ser se manifestam”.

Hoje, a principal tarefa intelectual e política do cientista social, pois as duas aqui coincidem, é **deixar claros os elementos de inquietação e da indiferença contemporâneas**. É o apelo central que lhe fazem outros trabalhadores culturais — os cientistas físicos, os artistas, a comunidade intelectual, em geral. É devido a essa tarefa e a essas exigências, acreditamos, que as **Ciências Sociais se estão transformando no denominador comum do nosso período cultural**, “é a imaginação sociológica na qualidade intelectual de que mais necessitamos”.

Os problemas da Psicologia Social e Histórica são, de muitas maneiras, os mais absorventes que podemos hoje estudar. É nessa área que as principais tradições intelectuais da nossa época, na verdade da civilização ocidental, chegam a uma confluência emocionante.

Como quer que seja, o homem é um agente social e histórico que deve ser compreendido, se for incluído, em íntima e complexa correlação com as estruturas social e histórica.

**O elemento social nas lentes da Psicanálise ampliou-se muito, especialmente pelo que podemos chamar de trabalho sociológico no super-ego.** Mas, se a natureza do indivíduo não puder ser compreendida sem íntima referência à realidade social, devemos então analisá-la nessa referência. Tal análise inclui não só a localização do indivíduo, como entidade biográfica, dentro de vários ambientes interpessoais, mas a localização também, desses ambientes, dentro das estruturas sociais que eles formam.

A visão do homem, como uma criatura social, nos permite ir muito mais fundo do que a simples biografia externa, como seqüência de papéis sociais. Essa opinião exige de nós, compreensão das características mais internas e “psicológicas” do homem, em particular, de sua auto-imagem e de sua consciência e, na verdade, do crescimento de sua mente. Bem pode ser que, a mais radical descoberta dentro da Psicologia e Ciência Social recente, seja a de que tantas das características mais íntimas da pessoa são socialmente determinadas e, até, mesmo implantadas.

As motivações dos homens, bem como as proporções variáveis nas quais os diversos tipos de homens estão tipicamente conscientes delas, devem ser compreendidas em termos dos vocabulários de motivo que predominam numa sociedade e de modificações sociais e confusões entre esses vocabulários.

O auge da preocupação do cientista social com a história é a idéia que chega a ter da época em que vive. O auge da sua preocupação com a biografia é a idéia que chega a ter da natureza básica do homem, e dos limites que ela pôde impor a sua transformação pelo curso da história.

É precisamente hoje, na segunda metade do século XX, que essas preocupações se tornam questões prementes, persistentes como preocupação, e vitais para a orientação cultural dos estudos humanos.

No lado positivo — um lado bastante interessado, hoje em dia os sentidos mais amplos do “id” de Freud, o “Freiheit” de Marx, o “Eu” de George Mead, e “espontaneidade” de Karen Horney, estão no uso dessas concepções contra o triunfo do homem alienado. Tais sentidos procuram encontrar algum centro no homem — como homem que lhes permita acreditar que, no fim, ele não pode ser transformado numa criatura alheia à natureza, à sociedade, ao eu.

Como uma preocupação do indivíduo — e de cujos termos e valores tem uma consciência difícil — é conhecida como “alienação”. Como uma questão de públicos — de termos e valores aos quais eles se mostram em maior parte indiferentes — é nada menos do que a questão da sociedade democrática, como realidade e como aspiração.

A crise da individualidade e a crise do processo de criação da história e o papel da razão na vida individual livre e no processo de criação da história na reformulação e esclarecimento desses problemas, estão na promessa das Ciências Sociais.

Qualquer reformulação política contemporânea das metas liberal e socialista deve incluir, como fundamental, a idéia de uma sociedade na qual todos os homens se transformariam em homens de razão substantiva, cujo raciocínio independente teria conseqüências estruturais para suas sociedades, sua história e, portanto, para suas próprias vidas.

Estudamos os limites estruturais da decisão humana numa tentativa de encontrar um ponto de intervenção efetiva, a fim de saber o que pode e deve ser estruturalmente modificado, para que se amplie o papel da decisão explícita no processo histórico.

Estudamos as estruturas sociais históricas, em suma, para encontrar nelas, as formas pelas quais são e podem ser controladas. Pois, somente assim, conheceremos os limites e o sentido da liberdade humana.

Devemos saber que herdamos e estamos levando à frente a tradição da análise social clássica; por isso, busquemos compreender o homem não como um fragmento isolado, não como um campo ou sistema inteligível em si mesmo. Procuremos compreendê-lo como agente histórico e social, e as formas pelas quais sua variedade é complexamente selecionada e intrincadamente formada pelas variedades de sociedades humanas. Antes de concluirmos qualquer trabalho, por mais ocasional, orientemos esse trabalho para a tarefa central e permanente de compreender a estrutura e a tendência, o condicionamento e os sentidos, de nosso próprio período, o terrível e magnífico mundo da sociedade humana na segunda metade do século XX.

Assim como declara Karl Mannheim: “Alguma terapia sociológica tem de dedicar uma especial atenção à situação concreta em que nos encontramos”.

Ainda não demos completamente conta de quão tremenda seria a reforma da educação necessária para fazer funcionar uma sociedade democrática, baseada na apreciação consciente dos valores. **Há uma coisa que todo reformador e educador deve ter em mente, qual seja a de que todo sistema novo de controles sociais exige a reeducação do ego.**

Enquanto a antiga educação autoritária mostrou-se cega às necessidades vitais e psicológicas da criança, o *laissez-faire* do liberalismo perturbou o equilíbrio salutar entre o indivíduo e a sociedade, focalizando sua atenção quase que somente no indivíduo e esquecendo o ambiente concreto da sociedade, em geral, para o qual se espera que o indivíduo ofereça sua contribuição.

O ensino ideal de um ser humano deverá levar em conta toda a história vital do indivíduo e muito dos fatores sociais que atuam sobre ele além da escola. Assim, a educação torna-se integral sob dois aspectos: a) por integrar suas atividades com as de outras instituições sociais; b) com referência da pessoa humana.

Felizmente, durante os últimos decênios, acumulou-se vasta soma de conhecimentos nos diversos ramos da Psicologia e da Sociologia. A Psicologia Infantil, a Psicologia Educacional, a Criminologia, a Psicologia Experimental e a Psicanálise coligiram um acervo inteiro de material pronto para ser coordenado e integrado em uma Ciência do Comportamento Humano. Por outro ângulo, a Sociologia deu sua contribuição a essa Ciência. Ela observou o comportamento do homem em diferentes sociedades, em sociedades primitivas, em diversas fases da História, em diversas classes e nos ambientes sociais de nossa própria sociedade. Observou o efeito das diferentes instituições sociais, como a família, a comunidade, a oficina, o grupo de brinquedo, o bando juvenil, sobre o comportamento. Observou o homem sob as condições de previdência social, quando está ansioso por melhorar aos poucos suas condições econômicas, seus **status** ou o aproveitamento do lazer, mas também observou-o desprovido de segurança social, em meio a intranqüilidade social, a revolução e a guerra.

A Sociologia, como levantamento metódico, como descrição de fatos, ainda será necessária numa era de mudanças assim, **porém a essência de sua contribuição consistirá em uma busca de nova direção dos acontecimentos e nas exigências destes.**

Geralmente é possível decompor uma Grande Sociedade em unidades menores e, nestas, estimular as condições que favorecem as diferenças individuais entre os membros do grupo.

A **sócio-análise** ( ou análise de grupo ) refere-se ao caso individual, não só à constelação da família, mas toda a configuração das instituições sociais; ao mesmo tempo usa mais conscientemente a interação do grupo. Uma abordagem deste gênero conduzirá, aos poucos, a um controle do ambiente imediato e dos ambientes mais distantes, prestando atenção igual aos elementos culturais e materiais dos mesmos. Visto como tais tendências nunca aparecem isoladamente e sim sempre simultaneamente, algumas delas se salientam. Como a sociedade cada vez mais propende a confiar na orientação científica, lançará, por certo, mão delas, talvez num futuro bem aproximado.

Sabemos, no entanto, que em diferentes lugares e nos diferentes ramos da atividade humana acham-se empenhados pensadores tateando à procura de uma **solução adequada** na economia, na política militante, na ciência política, em Sociologia, em educação etc. Muitas vezes, talvez nem saibam dos esforços e contribuições dos demais. É urgente, portanto, que o maior número possível deles se reúnam para correlacionar suas atividades isoladas através de uma visão integradora do modelo como um todo. É o que estamos procurando, agora, também fazer neste Congresso.

Como também somos sabedores, de maneira geral, e com poucas exceções, transformações psicológicas exigem técnicas psicológicas.

E nesta era de ideologias conflitantes, teremos também de apelar para a propaganda, na solução do nosso problema sócio-individual.

Segundo Leonard W. Doob "a propaganda é uma tentativa sistemática por indivíduo ( ou indivíduos ) interessado (s) em controlar as atitudes de grupos de indivíduos mediante uso da sugestão e, conseqüentemente, controlar-lhes as ações".

A propaganda sempre se situa dentro de determinado quadro sócio-cultural, sem o qual seus aspectos psicológicos e culturais não podem ser entendidos.

A sugestão é freqüentemente a liberação de um padrão de conduta ( conflito ) já existente dentro de um indivíduo e não a criação de algo novo.

Entretanto, sem dúvida alguma, a influência mais poderosa na modificação de opiniões e a alteração gradativa no clima social, oriunda de

ajustamentos inconscientes à mudança técnica, e muitos resultados hoje proclamados como sucessos por propagandistas, na verdade foram provocados desta maneira. Uma verdade profunda e universal se exprime na afirmação de Hegel de que “o homem, na medida em que age para mudar a natureza, muda sua própria natureza”; isso porque um aspecto importante do ajustamento humano é sua capacidade para modificar-se com a mudança de condições, e as inovações técnicas formam parte do ambiente a que ele tem de se ajustar.

**Uma das descobertas, mais expressivas, dos psiquiatras e psicólogos sociais nos últimos anos, que muito nos interessa, é ser comumente mais fácil, salvo quando se tratar de reconhecidos anormais, mudar as atitudes de pequenos grupos de que as de um indivíduo isolado.**

Thrasher, psicólogo social norte-americano, em seu estudo de delinqüentes, pôde mostrar como tais bandos proporcionam aos adolescentes contatos sociais importantes e certos “status” que ele reluta em abandonar. Assim, a melhor maneira de lidar com eles não é tratar separadamente cada membro, porém, de preferência, procurar os líderes do bando e voltar as atenções destes para as formas socialmente mais aceitáveis de atender às mesmas necessidades. Quando os líderes se modificam, todos se modificam com ele. A razão disso e para muitos outros exemplos de mudança de atitudes já estudadas, é não serem as atitudes das pessoas algo de trancado dentro delas mesmas ou atributos inatos de suas personalidades, mas, antes, uma função do papel delas dentro de determinado grupo ou conjunto de grupos. Como uma das funções da mente é habilitar o organismo a ajustar-se às transformações de ambiente, não nos devemos surpreender de serem as pessoas estatisticamente mais “normais” exatamente as mais propensas, não só a absorver as atitudes vigentes em seu meio social, mas, também, mais propensas a delas se descartarem em troca de outras quando o meio se alterar.

A verdade é que somos simultaneamente mais rígidos e mais maleáveis do que até aqui se acreditava, rígidos no padrão de nossa personalidade básica e maleáveis ( dentro de certos limites condicionados pelo padrão básico ) em nossa personalidade periférica ( social ), cujos vários papéis se alteram ao mudarmos de um grupo para outro. Isso está-se tornando evidente para os próprios psicanalistas, que outrora tendiam a destacar o indivíduo isolado e seus traços inatos, em que se concentravam a ponto de excluir os fatores sociais. Por um lado, estão descobrindo que o **eu básico** é mais resistente do que se supunha anteriormente, e Helene Deutsch, por exemplo, admite que “não eliminamos as causas originais da neurose; somente ajudamos a alcançar melhor a capacidade de

transformar frustrações neuróticas em compensações válidas". Por outro lado, está-se tornando cada vez mais claro, que a neurose é uma enfermidade coletiva em que a família inteira, e mais do que isso, a sociedade está envolvida.

As limitações fundamentais da psicoterapia eram vistas por Freud como devidas a fatores biológicos, supostamente inalteráveis. A pesquisa moderna indica que, muito do que se afigurava ser herança biológica é, de fato, herança cultural socialmente transmitida. O equilíbrio do indivíduo isto é, sua saúde mental, dependerá, portanto, de sua interação com outros membros da teia social.

Essas observações alvitraram que as atitudes são de difícil modificação: a) quando fazem parte de estrutura da personalidade básica do indivíduo; b) quando são funções da situação do grupo ou ambiente dentro do qual o indivíduo se acha praticamente preso.

O desenvolvimento dos instrumentos de comunicação em massa possibilitou, pela primeira vez na história, alcançar grandes quantidades de pessoas, direta, pacífica, vívida e humanamente com uma expressão das vidas, modos, costumes e artes e povos de outras nações. Nossa tecnologia, mais sábia do que nós, deu-nos os meios imprevistos e imprevisíveis **para a compreensão mundial**, no momento quando esta é a única possível de assegurar paz duradoura.

## CONCLUSÕES

Supomos ter demonstrado, plenamente, a repercussão do conflito social sobre o individual e como poderemos, através de equipes de psicanalistas, psicólogos sociais e sociólogos, estabelecer bases para uma modificação social.

Assim, se analisarmos determinados grupos humanos e procurarmos suas ligações inconscientes e arquétipas, teremos onde poder agir para suplantar os conflitos existentes.

Estabelecendo essas bases pelos psicólogos sociais, passariam os sociólogos ao seu planejamento social, com o objetivo de, dando uma perfeita integração social, fazer com que esta integralize o indivíduo.

A conquista progressiva da consciência sobre o inconsciente é o caminho natural do crescimento e da maturidade psíquicas e, sua com-

plementação sobre o psicossocial, será a plena restauração para um mundo melhor, graças aos esforços conjugados de todos aqueles que se interessaram por esse objetivo.

## RESUMO

Procurou-se primeiramente, estabelecer uma apreciação histórica referente ao conflito espiritual e material.

Após, foram pesquisados fatores psicológicos que, em se tornando comuns, pudessem servir para apreciar a coletividade.

Passando-se, em seguida, a estudar os conflitos psíquicos individuais e sociais, foram encontrados pontos de apoio, coeficientes comuns que aparecem em quase toda a coletividade e que poderão ser explorados como futuras fontes de interligação para serem atacadas.

Quanto às **sugestões**, procurou-se apreciar as ligações atuais mais estreitas, entre a psicologia humana, a psicanálise, a psicologia social, inclusive a sócio-análise ou análise de grupos, e após, a propaganda com seus atuais sistemas modernos de comunicações que muito poderão fazer em prol da **compreensão e cooperação mundial**.

## CONCLUSÕES

Verificaram-se as repercussões do conflito social sobre o individual e como, através de equipes de psicanalistas, psicólogos sociais e sociólogos, poderão ser estabelecidas bases para uma modificação social.

Seriam analisados determinados grupos humanos como amostragem, partindo-se para um planejamento com o objetivo de ser alcançada a plena integração social.

Verifica-se que a conquista progressiva da consciência sobre o inconsciente é o caminho natural do crescimento e da maturidade psíquica e, sua complementação sobre o psicossocial, será plena restauração para um mundo melhor, graças aos esforços conjugados de todos aqueles que se interessarem por esse objetivo.

**BIBLIOGRAFIA**

- A Imaginação Sociológica — Wright Mills
- A Personalidade Neurótica de Nosso Tempo — Karen Horney
- Diagnóstico de Nosso Tempo — Karl Manheim
- História de Cristo — Giovanni Papini
- Luzes e Trevas da Alma — Ignace Lepp
- Nossos Conflitos Interiores — Karen Horney
- O Eu Desconhecido — C. G. Jung
- O Medo à Liberdade — Erich Fromm